

AMORte: entre o saber e a verdade na psicose

Letícia Pacheco Gondim

Resumo

Freud já havia apontado dificuldades na transferência com psicóticos relacionadas com a impossibilidade do fantasiar. Comparando isso ao ideal de Eu postulado por Lacan, é possível questionar a posição freudiana no que se refere àquilo que ele chamou de afastamento da realidade. Em seu lugar, Lacan aponta a relação extática com o Outro. Trazendo para a lógica do amor, teríamos duas modalidades de amar: uma, conectada ao bem supremo, e a outra, que tem relação com o agalma, que Lacan chama de amar verdadeiramente. Assim, o psicótico não ama? Foi a partir do encontro de Lacan com sua paciente Aimée que ele construiu a questão: o que é o saber? A origem do sujeito está na relação com o outro, para além da relação imaginária, sendo por meio do desejo do Outro que o sujeito pode formular a questão *Che vuoi*, para, a partir daí, oferecer o que ele não tem como uma aposta no futuro. Na psicose, tanto o amor quanto a falta dele representam um risco de morte. Em resposta a esse amor erotomaniaco, temos como trabalho fazer esse amor falar.

Palavras-chave:

Transferência; Saber; Amor; Morte; Psicose

AMORte:¹ between knowledge and truth in psychosis

Abstract

Freud had already pointed out difficulties in transference with psychotics related to the impossibility of fantasizing. Comparing this to the ideal of the Self postulated by Lacan, it is possible to question the Freudian position regarding what he called detachment from reality. In its place, Lacan points to the ecstatic relationship with the Other. Bringing it into the logic of love, we would have two modalities of loving: one, connected to the supreme good, and the other related to the agalma, which Lacan calls truly loving. So, doesn't the psychotic love? It was from Lacan's meeting

¹ The term "Amorte" is a combination of "love" and "death", reflecting the intersection of these two themes.

with his patient Aimée that he formulated the question: What is knowledge? The origin of the subject lies in the relationship with another, beyond the imaginary relationship, it is through the desire of the Other that the subject can formulate the question *Che vuoi*, in order to, from there, offer what he does not have as a wager on the future. In psychosis, both love and the lack of it represent a risk of death. In response to this erotomaniac love, our job is to make this love speak.

Keywords:

Transference; Knowledge; Love; Death; Psychosis.

AMUERte: entre el saber y la verdad en la psicosis

Resumen

Freud ya había apuntado dificultades en la transferencia con psicóticos relacionadas con la imposibilidad de fantasear. Cotejándolo a lo ideal de Yo, postulado por Lacan, es posible cuestionar la posición freudiana en lo que se refiere a aquello que nombró de aislamiento. En su lugar, Lacan apunta la relación extática con el gran Otro. Al traerlo para la lógica del amor, se tendrían dos modalidades de amar: una, conectada al bien supremo, y la otra relacionada al agalma, denominación de Lacan para amar verdaderamente. En ese sentido, ¿es que no ama el psicótico? Fue a partir del encuentro de Lacan con su paciente Aimée que postuló: ¿qué es el saber? El origen del sujeto está en la relación con el otro, más allá de la relación imaginaria, y es por medio del deseo del gran Otro que el sujeto puede preguntar *Che vuoi*, para, de ahí, ofrecer lo que no tiene como una apuesta en el futuro. En la psicosis, tanto el amor como su ausencia representa un riesgo de muerte. En respuesta a ese amor erotomaniaco, nuestro trabajo es hacerlo hablar.

Palabras clave:

Transferencia; Saber; Amor; Muerte; Psicosis.

AMORt : entre le savoir et la vérité dans la psychose

Résumé

Freud avait déjà mentionné les difficultés du transfert chez les psychotiques, dues à l'impossibilité de fantasmer. En comparaison avec l'idéal du Moi postulé par Lacan, on peut questionner la position freudienne par rapport à ce qu'il appelle le détachement de la réalité. Lacan lui substitue la relation extatique avec l'Autre.

Ramené à la logique de l'amour, nous aurions deux façons d'aimer : l'une, liée au bien suprême, et l'autre, liée à l'agalma, que Lacan appelle l'amour véritable. Le psychotique n'aime-t-il donc point ? C'est à partir de la rencontre de Lacan avec sa patiente Aimée que celui-ci a élaboré la question : qu'est-ce que le savoir ? L'origine du sujet est dans la relation à l'autre, au-delà de la relation imaginaire, et c'est par le désir de l'Autre que le sujet peut formuler la question *Che vuoi*, afin de proposer ce qu'il n'a pas comme pari sur l'avenir. Dans la psychose, l'amour comme le manque d'amour représente un risque de mort. En réponse à cet amour érotomane, notre travail est de le faire parler.

Mots-clés :

Transfert ; Savoir ; Amour ; Mort ; Psychose.

Freud (1895/2006, p. 257), no "Rascunho H", afirma sobre a psicose: "essas pessoas amam seus delírios como amam a si mesmas". E Lacan (1956/1988, p. 297) aponta: "Ali onde a fala está ausente, ali se situa o Eros do psicotizado, é ali que ele encontra seu supremo amor." Allouch (2010), contrapondo-se a essas afirmações, assegura que, na psicose, não se trata de uma neurose narcísica, que impediria a transferência; trata-se, sim, de saber como pode um psicótico amar. E, sobre o amor, Lacan se refere à palavra plena. Dito isso, esse amor tem lugar e não estaria onde se ausenta a fala.

Em "À guisa de introdução ao narcisismo", Freud (1914/2004) sinaliza que, na neurose, o indivíduo não suspende seu vínculo erótico com as pessoas, mas substitui, por meio da fantasia, os objetos reais, a fim de mantê-los na lembrança. Na psicose, no entanto, o indivíduo retira o investimento dos objetos sem a substituição pela fantasia, retornando a libido ao Eu. O complexo de castração provocaria o conflito entre as moções libidinais e as concepções culturais e éticas do indivíduo, levando ao recalque, no caso da neurose. Freud utiliza a expressão Eu Ideal para falar do amor de si, assim como utiliza Ideal de Eu para se referir ao resultado do recalque. Por meio do Ideal de Eu, é possível transferir a satisfação libidinal aos objetos, e, quando não ocorre esse ideal, o indivíduo fica refém do mecanismo de funcionar como seu próprio ideal.

Lacan (1954/2009a) aponta que Freud se embarçou, ao abordar a oposição entre libido e desinvestimento ao mundo exterior, que, segundo o próprio Freud, é característica das formas de demência precoce. Ao trazer a questão do autoerotismo, ele também, de certa maneira, cinde a libido, afirmando que o investimento nos objetos ocorre por meio do prolongamento do corpo ao mundo, quando é mantida uma ideia de neutralização da libido. A isso, Lacan responde que a distinção libidinal estaria entre as relações reais, no sentido das realizantes, e a função do desejo.

Lacan (1954/2009b), recorrendo ao esquema óptico, aborda o estádio do espelho. Utilizou-se (Lacan, 1954/2009b) do experimento do buquê invertido para dizer que, no caso do ser humano, diferentemente dos animais, é preciso que haja um outro que antecipe a imagem para que se produza um ser. O ser humano só consegue ter sua forma total fora de si mesmo. Quando ele mesmo faz essa tentativa, a imagem é fragmentada, destacando a difícil adequação do imaginário, a qual exige que haja a voz do outro, caracterizando a relação simbólica, que é o Ideal de Eu (Lacan, 1954/2009c). Lacan afirma:

O homem atingiu o acabamento da sua libido, antes de encontrar o objeto dela. É por aí que se introduz essa falha especial que se perpetua nele na relação a um outro infinitamente mais mortal para ele que para qualquer outro animal. (Lacan, 1954/2009d, p. 199)

Assim, atesta (Lacan, 1954/2009d, p. 199): “Estamos todos de acordo em que o amor é uma forma de suicídio.”

Lacan (1954/2009e) ainda considera que o ser humano se apreende como corpo na troca com o outro, evidenciando que, em sua forma original, antes da linguagem, ele é constituído, e é por meio de um reconhecimento do outro que aprenderá a se reconhecer. Na origem, o desejo está no plano da relação imaginária, não tendo outra saída a não ser a destruição do outro. Portanto, a relação de amor está referida ao quadro narcísico, mas não se realiza no plano imaginário. O amor exige um pacto e pode apresentar-se de muitas formas, assumindo-se ora no interior, ora no exterior da linguagem.

No *Seminário, livro 8: a transferência*, Lacan (1961/2010a) trabalha o amor por meio de *O banquete*, de Platão. Na discussão sobre o que define o amor, Diotima o coloca como sendo amor ao belo, que consiste em amar o que se ama, fundindo-se consigo na condição de amado, caracterizando a relação como biunívoca, pois tem por objetivo a identificação com esse ser absoluto. Em contraponto a esse objeto total, Lacan traz esse outro amado como um punhado de objetos parciais que tomamos como sujeito, e não como objeto. O objeto da paixão é derivado do objeto de desejo que está contido nele, o agalma, a metonímia do discurso inconsciente. Dessa forma, partimos do amor à identificação. Temos aí, então, duas perspectivas do amor: uma, em direção ao bem supremo, que ele chamou de amar-em-Deus, e outra, que tem relação com o agalma, que ele chama de amar verdadeiramente.

Na psicose, Allouch (2010) afirma que, no delírio, existe uma relação com a fala, mas, considerando o apego ao significante como tal, ele só poderia amar em outro lugar. Lacan (1956/1988) não trabalha com a perspectiva de Freud, que coloca no

autoerotismo a não relação com os objetos, visto que, em sua observação clínica, o recém-nascido se relaciona com todo tipo de objeto. A questão está na distinção entre o outro imaginário, que consiste no que se estrutura como campo originário dos objetos para o recém-nascido, e o Outro absoluto, que é tudo em si, mas fora de si, aquilo que compreende a relação extática, o Outro como radicalmente Outro.

Temos, então, um paradoxo: enquanto, para Lacan (1956/1988), o psicótico só pode apreender o Outro pelo significativo — o qual se demora apenas em uma casca, sinalizando essa heterogeneidade radical, provocando a inevitável extinção do sujeito, que só poderia amar como amor morto —, Allouch (2010) aposta na heterogeneidade como prova de que o amor está vivo. Assim, ele lança as questões: Haveria outro amor verdadeiro que não o do psicótico? Ele seria um representante do amor extático a ser distinguido de qualquer um?

Allouch (1997a), citando Roudinesco, afirma, sobre a tese de Lacan *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*, que foi Lacan quem fez transferência com Aimée. Ele declara: “Minha paciente, aquela que chamei de Aimée, era realmente muito tocante” (Lacan citado por Allouch, 1997a, p. 449). Ela, aceitando Lacan em uma posição de observador, confia-lhe. A nomeação pública dessa paciente revelaria o amor de Lacan por ela. Segundo Allouch (1997a), ele foi tocado pela falta de amor que se encontrava nela. Além disso, foi fisgado pelo saber, saber de alguma coisa que estaria ali e que provocou em Lacan a pergunta: o que é o saber?

Allouch (1997b) afirma, referindo-se ao pedido de Aimée de que evitassem olhá-la enquanto fazia sua confissão:

Que ele evite seu olhar. Como marcar melhor do que Marguerite faz aqui, isto é, na sua transferência para Lacan, que ela deposita esta confissão, precisamente, sob o olhar deste? No ponto em que parece tocante, Marguerite subverte a posição que Lacan teria querido manter com ela, a de lançar sobre seu caso um olhar tão cru e objetivo quanto possível. Ela inventa, desta vez, um novo dispositivo de troca: este olhar, Lacan não pode lançá-lo, pois ele se transformou nele. Esta função, dizemos, era mantida pelo Príncipe de Gales quando seu delírio habitava Marguerite. Era sob seu olhar que se suspendia o pendão da realeza pela mulher e pela criança. E Lacan, discreta mas precisamente, nos vai dizer que assumiu esse lugar. (Allouch, 1997b, p. 298).

Lacan (1961/2010b) aponta o desejo articulado à demanda do Outro, afirmando que a demanda oral com o mais-além do amor torna o objeto privilegiado aquém do desejo. Utilizando o exemplo do louva-a-deus fêmea, que, no ato da cópula, de-

vora a cabeça do macho, ele aponta, subjetivando esses seres, o gozo sexual ligado à decapitação, referindo-se ao campo imaginário. Por se ligar a essa fantasia é que o macho se sente atraído, acabando por ser capturado. Lacan trata esse fenômeno como uma reprodução invertida das tendências naturais do homem, como uma consequência de variações desse jogo. O gozo da fêmea ocorre à custa do outro, e, nesse sentido, ele traz a questão do senso moral, afirmando que nós o trazemos na medida em que descobrimos o sentido do desejo como relação com aquilo que é no outro objeto parcial.

O desejo natural não existe, segundo Lacan (1961/2010b); ele está articulado ao Outro, em quem se fundamenta o signo que produz a questão: *Che vuoi?*. O amor é dar o que não se tem. Assim, a criança, em relação ao outro que ama, oferece o que não tem, isso já pensando na dialética do ser e do ter em torno do falo. A criança, quando oferece o que tem, está em uma fase anterior a isso. O que ela não tem é seu ato, uma promissória para o futuro. Aí, temos a questão na psicose: como produzir essa promissória?

Considerando a relação do psicótico com Outro e o objeto, Souza (2023) afirma que temos na fantasia psicótica uma resposta decidida em oposição à falta de sentido, ao vazio do Outro. Para se defender da ausência de sentido, o Outro ocupa o lugar de mau. Ao se agarrar a um saber completo, o sujeito psicótico perde a proteção da ignorância, do semblante, do não saber. O Outro, para ele, é perceptível, constringendo-o com sua presença opressora e gozando de seu espírito e de seu corpo. Ou o sujeito reage, ou ele morre.

Lacan (2016), em 1975, na primeira conferência nos Estados Unidos, quando narrou o início de sua história como psicanalista, disse que teria se arriscado em sua tese de doutorado em medicina: “Naquele tempo, eu era ingênuo. Acreditava que a personalidade era algo fácil de agarrar. Não ousaria mais dar esse título àquilo do que se tratava, de fato, não creio que a psicose tenha alguma coisa a fazer com a personalidade. A psicose é um ensaio de rigor” (Lacan, 2016, p. 16) Marguerite, que foi o caso estudado em sua tese, havia produzido numerosas cartas depreciativas para uma quantidade de pessoas, caracterizando a erotomania, que seria o modo como o sujeito escolhe determinada pessoa notável e entende que ela se ocupa apenas dela mesma.

Lacan (2016) declarou ainda que na psicose o sujeito se fundamenta no saber e na crença, contrapondo-se à ideia de que o saber não pode ser autenticado e de que a crença são opiniões. Segundo Lacan, o sintoma neurótico seria alguma coisa que lhes permite viver, não sendo os neuróticos, felizmente, psicóticos. Na neurose, a condução do trabalho de análise é aliviar o desconforto da dificuldade de viver, apresentando uma ideia de normalidade e reiterando que não devemos fazê-los suficientemente normais, para que eles não acabem psicóticos. Afirmou

ter chegado à medicina porque tinha suspeitas de que os relacionamentos desempenhavam um papel determinante nos sintomas. Conclui dizendo: “a psicose é um tipo de falência no que diz respeito ao cumprimento do que se chama ‘amor’” (Lacan, 2016, p. 26). Afirma que a paciente relatada em sua tese tinha muito do amor contra a fatalidade. Anunciou que a palavra fatalidade vem de *fatum*. *Fatum* vem de *fari*, que é a mesma raiz de *infans*, sem correspondente em português. Nesse caso, ele se refere àquele que não fala ainda. Assim, não poderíamos dizer que o amor não seria a saída contra a morte?

Em 1911, Freud (1911/2006) afirmou, quando analisava o caso Schreber, que o que está no cerne do conflito nos casos de paranoia entre indivíduos do sexo masculino é uma fantasia homossexual de amar um homem, e que as principais formas de paranoia podem ser representadas nas contradições da proposição: Eu o amo. Lacan (1955/1988), no *Seminário, livro 3: as psicoses*, retoma essa questão e discorre sobre os três tipos de delírios que contradizem esse amor. No primeiro, “Não sou eu que o ama, é ela”, o sujeito faz levar sua mensagem por outro com a minúsculo, o *alter ego*. No segundo delírio, “Não é ele que eu amo, é ela”, é ela quem o ama. Não se trata mais de uma alienação invertida, mas divertida. O outro não tem uma relação concreta com o sujeito; pode ser um objeto afastado, no qual haja uma correspondência que nem ele sabe se chega a seu destinatário. Nesse delírio erotomaniaco, o paranoico pega um objeto neutralizado e o desenvolve em suas dimensões do mundo. E, no terceiro caso, teríamos uma alienação convertida: o amor se tornou ódio. Nesse caso, a perturbação imaginária teria sido levada ao máximo.

Freud (1911/2006) aborda ainda um quarto tipo de contradição do amor, quando o sujeito rejeita a proposição como um todo: “Não amo de modo algum — não amo ninguém. Eu só amo a mim mesmo.” Nesse caso, a supervalorização do ego se sobrepõe à supervalorização do objeto amoroso. A megalomania é de natureza infantil, sendo sacrificada no decorrer do desenvolvimento. No entanto, a megalomania pode ser arrefecida diante do amor. Freud cita um verso: “Pois quando as chamas do amor se alçam, então o Eu, o sombrio tirano, morre” (Freud, 1911/2006, p. 73).

“Amorte” foi um termo que Souza (2023) utilizou para se referir ao jogo intenso de vínculo e ruptura que haveria no encontro com um psicótico. Em oposição ao aniquilar-se do psicótico, teríamos a reconstrução de seu mundo. Segundo Souza (2023), a morte seduz o sujeito, podendo configurar-se em forma de inércia ou levar ao extremo de uma certeza trágica, que exigiria sua perda.

Pensando no caminho que Lacan (1961/2010c) fez no *Seminário, livro 8* para desenvolver o amor e sua relação com o trabalho do analista, tem-se no *Banquete* de Platão a história de amor de Alcibiades e Sócrates. Alcibiades, sabendo que capturou o desejo de Sócrates por ele, duvida, no entanto, de seu consentimento.

Alcíbiades sabe que é amado por Sócrates, mas espera receber dele seu desejo. Sócrates, no lugar de revelar o amante que já se mostrou em outro momento, revela moderação, a qual Lacan pontua como o mistério do amor. É por saber o que está em jogo no amor que ele recusa o amor.

Sócrates lhes responde: em suma, você não é o último dos idiotas, se é verdade que quer, justamente, aquilo que possuo, se em mim existe esse poder graças ao qual você se tornaria melhor. Sim, é isso, deve ter percebido em mim algo diferente, uma beleza de uma outra qualidade, uma beleza que difere de todas as outras e, tendo-a descoberto, põe-se a partir daí na posição de dividi-la comigo, ou, mais exatamente, de fazer uma troca, beleza contra beleza, e ao mesmo tempo quer trocar aquilo que é, na perspectiva socrática da ciência, a ilusão, a falácia, a doxa que não sabe a sua função, o logro da beleza pela verdade. E de fato — meu Deus — isso nada mais significa que trocar cobre por ouro. (Lacan, 1961/2010c, p. 197)

Sócrates representa a posição do analista, colocando-se como esvaziado em oposição a Agatão, em quem ele localiza a plenitude, deixando a mensagem de que ele não merece ser desejado. Alcíbiades quer de qualquer jeito o que está em Sócrates, levando-o a responder: “ocupa-se de sua alma, busque sua perfeição” (Lacan, 1961/2010c, p. 200). Lacan (1961/2010c) afirma que Sócrates implica Alcíbiades no caminho de seu bem, com seu objeto de desejo, fazendo dele um homem do desejo, sendo esse o milagre do amor.

Lacan (1961/2010d) declara que, logo depois do elogio de Sócrates feito a Agatão, ocorre a entrada dos foliões, produzindo o indecifrável, sendo a verdadeira razão do amor levar o sujeito rumo ao belo, confundido com o que ele designou como o supremo belo.

Battista (2020a) nos lembra que Lacan foi quem deu o nome de Aimée, no lugar do nome Marguerite. Antes de Marguerite, segundo Allouch (1997c), havia outra filha mais velha com o mesmo nome, que teria morrido queimada viva diante da mãe. Marguerite, dessa forma, entrou no lugar da filha morta. Battista (2020a) afirma que, com as trocas do nome, Lacan produz um deslocamento do lugar mortífero para o lugar de amada: Aimée.

Assim, a aposta de Battista (2020b) é o desejo do analista, pelo qual se engendra a transferência. Não saber o que Sócrates deseja é o que institui a natureza do amor, pois não saber o que é o desejo do Outro é que promove sua queda, tornando o desejo o objeto, não o sujeito. O amor de Alcíbiades o encaminha a seu verdadeiro desejo (Lacan, 1961/2010d).

A análise com os psicóticos se daria pelo estabelecimento da falta no Outro, na transferência, de acordo com Battista (2020b), para além do que ela nomeou

de hipoteca do pai. Temos como exemplo Schreber, que alcança, em seu delírio, a união com o divino, que Lacan (1957-1958/1998) coloca como um lugar entre o gozo narcísico de sua imagem e a alienação da fala, a qual, com o Ideal do Eu, está no lugar de Outro. A união sexual entre Schreber e Deus como solução para repovoar a Terra fica no ideal, visto que Schreber já havia dito, em sua obra, que a união de Deus com a humanidade estaria vinculada a certos perigos, e que Deus não seria capaz de lidar com homens vivos. Segundo Battista (2020c), a fantasia de ser uma mulher passa a ser aceita, pois Schreber se torna o objeto de gozo desse Deus faltoso que ele construiu. “Deus é incapaz de aprender com a experiência”; “Qualquer tentativa de exercer uma influência educativa sobre o exterior deve ser abandonada por ser votada ao fracasso”; “Dado que uma onisciência de Deus em sua plenitude absoluta, especialmente com relação ao conhecimento do homem vivo, justamente não existe” (Schreber, 1903/1984, pp. 130-131).

O próprio Lacan (1961/2010b) já havia apontado que o sujeito, para satisfazer a demanda do Outro, precisaria rebaixá-lo, elegendo-o como o impasse do amor. Será? Trazendo a lembrança da felicidade perfeita de Psiquê, citada por Lacan (1961/2010e) como referência ao mito de Psiquê e Eros, temos um bom exemplo de como pode ser assustador um Outro indiferente, invisível. Psiquê foi advertida para não lançar luz sobre Eros, até que suas irmãs lhe sugerem que ele é um “monstro horrendo”, evidenciando grandes riscos. Em vista dessa ameaça, ela se arma. Psiquê, contada por Apuleio, era tão bela quanto Vênus e foi fadada pelos deuses a ser capturada por um monstro, Eros. Ele a sequestra e a coloca em um esconderijo para gozar da felicidade dos deuses. Psiquê, no entanto, não tinha uma natureza divina e começa a viver depois que Eros foge, iniciando suas aventuras a partir do momento em que o desejo se esquivava.

Battista (2020c) aponta que, na psicose, a solução sinthomática não precisa ser delirante e dá o exemplo de Joyce, que encontra na vida de artista uma maneira de compensar a falta de amor do pai, o lugar de admiração que faltava aos universitários. Quando lhe perguntaram por que ele escrevia daquela maneira, ele respondeu que era para manter os críticos ocupados por 300 anos. “A exigência que faço para o meu leitor... é que ele devote sua vida inteira a ler meus livros” (Aubert, 2007, p. 188).

Trago de minha experiência uma paciente melancólica que sofre há alguns anos em análise pela perda de uma amiga, uma amiga que não a ama mais. Em sua inconformidade pelo fim dessa amizade, ela se culpabiliza, eternizando uma espiral de desistências no amor e no trabalho. Uma análise atravessada pelo desalento, pela culpa e por uma insistência em sua não funcionalidade. Em certo momento dessa análise, provooco em um ato analítico a questão: será que seria a psicanálise o que você está buscando? Digo-lhe que é muito difícil investir nesse trabalho enquanto ela consome as minhas esperanças. A psicanálise é

o trabalho da esperança, afirmo. A partir daí, algo foi possível de ser descolado, deslocado para o futuro.

“Só o amor permite ao gozo condescender ao desejo” (Lacan, 1963/2005, p. 197), sendo o amor a sublimação do desejo. O desejo do sujeito é o desejo do desejo. Em uma análise, é o desejo do analista (Lacan, 1959/2016). O trabalho de uma análise, no entanto, é guiar o sujeito para outro desejo que não seja o nosso como analistas. Entre os psicanalistas, como bem disse Battista (2020d), há os que pensam e elaboram teorias sobre as psicoses e há aqueles que estão, na prática, permitindo-se também não saber muito bem o que fazem. Retomando a esperança, há algo mais faltoso do que a própria esperança?

Para Souza (2023), a erotomania é a forma desesperada de amor de transferência na psicose. Diferente do amor neurótico, que se oferece ao Outro buscando ser amado, na erotomania é o Outro que ama primeiro, tendo como premissa: *o outro me ama*. É à esperança do amor em sua completude que o sujeito se agarra. Embora alguns afirmem que a erotomania não seja amor, e, sim, delírio, a autora nos lembra que todo amor é nascido de Eros e que, nesse sentido, todo amor busca a completude perdida. A erotomania seria o amor em parceria com a morte. Em resposta a esse amor, temos como trabalho fazer esse amor falar, construir meios para o luto do Outro como amor-paixão.

Em seguida ao amor-paixão, Souza (2023) traz o amor-amizade. Gosto da maneira como ela afirma que esse amor é gostar de conversar, falar sem medo, tomar o outro como semelhante, poder receber e retribuir. Lembro-me de minha paciente afirmando, em um momento da análise, que podemos atribuir como amor-paixão, que ela havia sonhado que eu a presenteava com um perfume. Logo depois de me contar o sonho, ela afirmou: “eu não posso usar perfume”. Em outro momento, percebo o lugar de amor-amizade, quando ela me conta que sonhou que eu a aconselhava a investir no amor, considerando que, nesse momento, ela está conhecendo uma nova pessoa. No sonho, eu dizia: “Vai lá, larga de ser besta”.

É a partir da resposta do analista que um laço pode estabelecer-se, como afirmou Souza (2023). Ela fala também do quanto um amor-amizade com um psicótico é um caminho menos solitário para o analista e para o analisando. Poder desenvolver um trabalho de vida que inclua as perdas, o amor e a morte. Hoje, Amorte se ocupa mais de um lugar de biografia; ela se preocupa com o que ficará dela depois de sua morte.

Referências bibliográficas

- Allouch, J. (1997a). Sobre a transferência psicótica. In J. Allouch. *Paranóia Marguerite, ou a “Aimée” de Lacan* (pp. 431-456). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Allouch, J. (1997b). Rede de perseguidores, razão do delírio. In J. Allouch. *Paranóia Marguerite, ou a “Aimée” de Lacan* (pp. 263-318). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Allouch, J. (1997c). O “ponto de ato” da psicose. In J. Allouch. *Paranóia Marguerite, ou a “Aimée” de Lacan* (pp. 319-370). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Allouch, J. (2010). Rumo a um amor extático. In J. Allouch. *O amor Lacan* (pp. 83-97). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Aubert, J. (2007). Notas de leitura, por Jacques Aubert. In J. Lacan. *O seminário, livro 23: o sinthoma* (pp. 186-198). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Battista, J. de (2020a). O encontro com o psicótico e a resposta do analista. In J. de Battista. *O desejo nas psicoses* (pp. 229-246). São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Battista, J. de (2020b). A prova pela melancolia. In J. de Battista. *O desejo nas psicoses* (pp. 141-177). São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Battista, J. de (2020c). O desejo nas psicoses. In J. de Battista. *O desejo nas psicoses* (pp. 178-226). São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Battista, J. de (2020d). Há estrutura na psicose? In J. de Battista. *O desejo nas psicoses* (pp. 43-59). São Paulo: Larvatus Prodeo.
- Freud, S. (2004). À guisa de introdução ao narcisismo. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. I, pp. 95-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)
- Freud, S. (2006). Rascunho H: paranoia. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1, pp. 253-258). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1895)
- Freud, S. (2006). Notas psicanálticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (*dementia paranoides*). In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 15-89). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1911)
- Lacan, J. (1988). O outro e a psicose. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 40-56). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955)
- Lacan, J. (1988). O apelo, a alusão. In J. Lacan. *O seminário, livro 3: as psicoses* (pp. 289-299). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 537-590). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1957-1958)
- Lacan, J. (2005). Aforismos sobre o amor. In J. Lacan. *O seminário, livro 10: a angústia* (pp. 188-200). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1963)

- Lacan, J. (2009a). Sobre o narcisismo. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (pp. 146 -159). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2009b). Os dois narcisismos. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (pp. 160-172). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2009c). Ideal do eu e eu-ideal. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (pp. 173-190). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2009d). Zeitlich-Entwicklungsgeschichte. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (pp. 191-212). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2009e). A báscula do desejo. In J. Lacan. *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (pp. 215-231). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1954)
- Lacan, J. (2010a). Agalma. In J. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência* (pp. 174-190). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Lacan, J. (2010b). Oral, anal, genital. In J. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência* (pp. 262-274). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Lacan, J. (2010c). Entre Sócrates e Alcibíades. In J. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência* (pp. 191-208). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Lacan, J. (2010d). A transferência no presente. In J. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência* (pp. 211-226). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Lacan, J. (2010e). Psiquê e o complexo de castração. In J. Lacan. *O seminário, livro 8: a transferência* (pp. 275-291). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1961)
- Lacan, J. (2016). Conferência de 24 de novembro de 1975. Yale University (Seminário Kanser). In *Lacan in North Armorica* (pp. 11-45). Porto Alegre: Fi.
- Lacan, J. (2016). Rumo à sublimação. In J. Lacan. *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (pp. 503-520). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959)
- Schreber, D. P. (1984). *Memória de um doente dos nervos*. Rio de Janeiro: Edições Graal. (Trabalho original publicado em 1903)
- Souza, N. S. (2023). Amor e morte na psicose. In N. S. Souza. *A psicose* (pp. 151-160). Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023